

FOTOGRAFIAS DO CARNAVAL DE SÃO JOÃO DA BARRA: TRANSFORMAÇÕES E MEMÓRIAS

Bruno Costa

Mestrando em Políticas Sociais – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro (Uenf)
e-mail: brunocostasjb@gmail.com

Lilian Sagio Cezar

Professora Associada LEEA/CCH - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro (Uenf)
e-mail: lsagio@hotmail.com

Resumo: O carnaval contextualiza o maior fenômeno cultural de São João da Barra e, assim como em todo País, passou por inúmeras transformações que foram ao longo do tempo moldando a festa. O foco desta pesquisa busca entender como se configura e como se desenvolve esta interação entre pessoas de distintos estratos sociais no tempo e espaço do carnaval e como essas relações sociais se transformaram ao longo dos anos, tendo como base as implicações do processo de memória numa conjuntura com a fotografia. Dados relativos à memória dos foliões mais dedicados foram tencionados a questões relativas às dinâmicas e políticas culturais atualmente vigentes no município, conduzindo assim a investigação no âmbito da interdisciplinaridade. Vale ressaltar que o trabalho aqui apresentado constitui um primeiro recorte da pesquisa de mestrado.

Palavras-chaves: Memória, Fotografia, Patrimônio

Abstract: Carnival contextualizes the biggest cultural phenomenon of São João da Barra, and like in any country, has undergone numerous transformations over time were shaping the party. The focus of this research seeks to understand how to configure and

how this interaction develops between people of different social strata in time and space of the carnival and how these social relations have become over the years, considering the implications of the memory process in an environment with photography. Data relating to the memory of the most dedicated revelers were tensed issues concerning cultural and political dynamics currently prevailing in the city, thus leading research within the interdisciplinary. Importantly, the work presented here is a first cut of the master's research.

Apresentação

O carnaval contextualiza o maior fenômeno cultural de São João da Barra, município da região norte do Estado do Rio de Janeiro. Em meio às inovações tecnológicas¹, às mudanças sociais, à influência política, à massificação midiática, o carnaval de rua sanjoanense, mesmo com todas as transformações, se mantém forte e a atrai curiosos e turistas, tendo como carro-chefe o desfile de duas Escolas de Samba: “Congos” e “O Chinês”, blocos fundados no início da década de 1930 e que se tornaram escolas de samba no final dos anos de 1970. O inusitado é que não há premiação e as escolas conseguem condensar nos dias de folia toda uma movimentação popular arraigada numa das mais acirradas rivalidades conhecidas em terras fluminenses. A cidade se divide ao meio e nos relembra Shakespeare, em Romeu e Julieta, onde quem é Montechio jamais poderá ser Capulleteo.

O carnaval de clubes – estas festividades carnavalescas já não mais envolviam a população como um todo. Os estratos sociais mais elevados se desinteressaram pelas atividades de rua, passando a organizar bailes restritos em salões onde pudessem brincar entre iguais (SIMSON, 2007) – também era sinal de ostentação e entretenimento, onde se destacavam o Clube Democrata e o Clube União dos Operários, ambos oriundos do desdobramento de duas bandas de músicas da cidade fundadas no final do século XIX, a

¹ Em 19 de fevereiro de 2007, algumas novidades na transmissão on-line são mencionadas no site oficial da prefeitura de São João da Barra (www.sjb.rj.gov.br): “Quem não puder ir até a Avenida do Samba, em São João da Barra, pode aproveitar para curtir as emoções dos desfiles das Escolas de Samba, dos blocos carnavalescos e shows musicais sem precisar sair de casa. Com apenas alguns cliques no site www.sjb.rj.gov.br é possível acompanhar – em tempo real – os espetáculos de cores e muito samba, sem perder nenhum detalhe. Este ano, uma novidade: cinco câmeras foram colocadas em pontos estratégicos”.

Lyra de Ouro, que deu origem à Lyra Democrata, e a Lyra de Ferro, que deu origem a, hoje, centenária banda musical União dos Operários, e já demonstravam uma grande rivalidade desde este período longínquo repleto de provocações, humilhações e competições acirradas para, no fundo, prevalecer o status de quem desfilou melhor no carnaval de São João da Barra.

Nem sempre foi pacífico o relacionamento dessas duas entidades. Na década de 1910, acirraram-se os ânimos a tal ponto que houve um incidente de consequências quase fatais, na Rua Direita, entre os senhores Francisco Feitosa, do Democrata, e José Narciso, dos Operários. (PINTO, 1977, p. 204)

Não muito diferente acontecia no carnaval de São Paulo, por exemplo, como descreve Simson (2007, p. 119), em período parecido, aonde “os relatos sobre o surgimento e a evolução de cordões carnavalescos paulistanos indicam a existência de um período de intensa rivalidade entre essas agremiações, com disputas que podiam chegar até a lutas físicas violentas.

Os relatos colhidos dão a entender que nos anos de 1930 e 1940 havia uma marcada diferenciação entre os cordões existentes na cidade em termos de comportamento agressivo. Existiam aqueles de caráter mais violento, que já iam preparados para os embates nos desfiles, portando lanças, bastões e batutas, organizando verdadeiras comissões de frente, formadas pelo abre-alas, balizas, contrabalizas e batedores, prontas para atacar os cordões rivais e defender o estandarte da agremiação, seu símbolo máximo (SIMSON, op. cit., p. 120).

Parece-nos que a dualidade marca a festa de momo em terras sanjoanenses. De tempos em tempos, mesmo com as transformações, observam-se grupos polarizados disputando seu espaço no tempo e na memória do carnaval de São João da Barra.

Desde os primeiros² registros do carnaval sanjoanense, em 1868, fala-se em entrudo, máscaras, bailes e, evidentemente, transformações ocorreram durante esta trajetória carnavalesca. Temos nos grupos de carnaval formas de associação das mais autênticas e espontâneas, formas que não seguem qualquer modelo externo, mas

² Os primeiros registros do carnaval de São João da Barra relatam a seguinte notícia “Para o Entrudo – cera em pão, verdete, óleo essencial de alfazema. Vende-se na casa do Moraes.” publicado no Jornal Parahybano, de 07 de fevereiro de 1868. No mesmo jornal, datado de 21 de fevereiro de 1868, temos alguns anúncios: “Para o Carnaval - Chegou um sortimento de lindas máscaras de todas as qualidades, para a Casa do Moraes”; “Carnaval – A Sociedade União Carnavalesca, faz ciente ao respeitável publico desta cidade, que pretende dar um baile, no domingo 23 do corrente, e como os elegantes máscaras tem de sair a tarde em passeio, para percorrer as ruas, por isso pede por especial obséquio as pessoas prediletas do entrudo, para não as molharem. Eugenio Gomes de Azevedo Bath”; “O Diogo, vende para as damas do carnaval, enfeites o mais barato possível”.

dialogam com as estruturas de relações sociais vigentes na realidade brasileira (DAMATTA, 1997). Outro aspecto é que o carnaval brasileiro, embora se realize em quatro dias, é percebido como uma festa compacta: “é o tempo de carnaval”.

Um momento especial, onde tudo pode ocorrer; ou seja, sociologicamente, um período em que o mundo social fica pleno de potencialidade e deixa de ser focalizado por meio de seus mediadores sociais ordinários (como profissão, bairro, riqueza, poder, etc). O carnaval [...] é, então, um período em que se ganha em liberdade e anonimato, vale dizer, em campo de manobra social. (DAMATTA, op. cit., p. 163)

Contrariando Damatta neste aspecto citado, veremos que mesmo no período carnavalesco, podemos observar tensões e hierarquização entre os personagens praticantes da festa de momo. É preciso analisar este contexto já que nem todos questionam a importância das festas populares – em nosso caso, o carnaval – como símbolos e expressão de uma cultura. E mais: que tais festas englobem – dando-lhes, inclusive, o necessário sentido – as dimensões do trabalho, da política, da economia, da religião, da comunicação e outras, permitindo, por meio de sua análise, compreender como se estrutura dada sociedade (AMARAL, 2012, p. 69).

O próprio Damatta logo nos remete à questão que, embora pareça óbvia, levanta problemas básicos e aponta para uma reflexão aprofundada.

Não parece haver dúvidas de que o carnaval é um rito em que o princípio social da inversão é aplicado de modo consistente. Mas inverter é apenas um mecanismo lógico, e nem sempre conduz o evento social numa mesma direção. Assim, é preciso ter muito cuidado com as visões substantivas do ritual, aquelas que pretendem ver o rito como um momento social dotado de força e qualidades próprias, com sua simbologia expressiva apropriada. (DAMATTA, op. cit., p. 169-170)

Apesar de toda a disciplina e método necessários para se colocar um desfile na rua, a forma de ocupação apresentada pelas passeatas não obedecia a leis ou regulamentos oficiais pré-estabelecidos (FERREIRA, 2004). Embora fossem divulgados com antecedência os planos para cada carnaval, eles eram traçados de acordo com sua conveniência e não levavam em conta os planos de outros grupos.

Objetivos

A apresentação deste trabalho tem como objetivo discutir questões relativas à memória tendo como objeto de pesquisa o Carnaval de São João da Barra enquanto

expressão do patrimônio cultural de natureza imaterial. O que se propõe é analisar os modos como os foliões se relacionam entre si tendo como foco da pesquisa buscar entender como se configura e como se desenvolve a interação entre pessoas de distintos estratos sociais no tempo e espaço do carnaval e como essas relações sociais se transformaram ao longo dos anos.

Observou-se durante o início da revisão bibliográfica e numa busca mais aprofundada pelo estudo em questão uma crescente preocupação do meio acadêmico com relação às implicações do processo de memória numa conjuntura com a fotografia. Como decorrência disso, crescem os estudos e as pesquisas que resguardam o simbólico como forma de estudo do intangível. Muito embora a produção acadêmica sobre esta temática tenha aumentado em anos recentes, entende-se que faltam mais estudos teórico-empíricos de natureza qualitativa, que trabalhem efetivamente com fontes primárias de investigação e que envolvam uma perspectiva crítica para as tendências atuais.

Desse modo, considera-se este trabalho oportuno e inovador uma vez que poderá contribuir para o sentido de fornecer elementos empíricos para uma reflexão sobre os pressupostos teóricos sobre os quais se realizam os estudos dessa temática, ensejando também futuras pesquisas sobre o tema. Evidentemente que semelhanças com outros carnavais vão aparecer, mas as peculiaridades, as transformações, as tensões e os relacionamentos entre os envolvidos com a festa poderão direcionar para novos olhares e para perspectivas diferenciadas.

Metodologia

Para tanto, procedeu-se ampla pesquisa iconográfica da qual foi selecionada uma fotografia datada de 1913, por ser esta, até então, a mais antiga imagem conhecida da festa. Para a sua análise foram cruzados dados relativos à leitura da imagem, discussão da imagem com os interlocutores da pesquisa a partir de fotoentrevista (CEZAR, 2010) em que dados relativos à memória dos foliões mais dedicados foram tencionados a questões relativas às dinâmicas e políticas culturais atualmente vigentes no município, conduzindo assim a investigação no âmbito da interdisciplinaridade. Vale ressaltar que o trabalho aqui apresentado constitui um primeiro recorte da pesquisa de mestrado “O carnaval de São João da Barra, sua influência sociocultural, político-

econômica e os desafios do futuro” que atualmente vem sendo desenvolvida, desde março de 2012, no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da UENF.

Segundo Kossoy (2001, p. 46-47), toda fotografia constitui um resquício do passado, um artefato que contém em si um recorte determinado da realidade registrada imageticamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo representado.

Do ponto de vista sociológico, certamente há desafios metodológicos, em especial, porque, desde sua origem, a fotografia “foi sendo, aos poucos, capturada pela ilusão similar e, portanto, documental e precisa. [...] se na fotografia há tensões que empurram as imagens para fora dos enquadramentos, propondo sobressignificados ocultos e não intencionais, há também formalizações deformadoras, que se expressam em imagens que resultam de relações de poder e modos de dominação social e política” (MARTINS, 2011, p. 152), assim como afirma Kosoy (op. cit.) que a fotografia está definitivamente inserida na história cultural, pois ela se faz presente como meio de comunicação e expressão em todas as atividades humanas, e, por isso, é sob esta perspectiva mais abrangente que deve ser estudada.

Ainda Martins (op. cit., p. 154), demonstra que as Ciências Sociais que incorporaram a fotografia ao âmbito de seus interesses não se propuseram à superação deste caráter residual da imagem do que para eles é objeto documentado, sobretudo a imagem fotográfica, no entanto, toda fotografia contém um “ver a mais” já que nenhum fotógrafo, mesmo o amador da fotografia ingênua, é passivo copista do que está fotografando.

Todos nós sabemos que esta “verdade” é extremamente relativa, já que uma fotografia expressa sempre uma série de escolhas do autor e, por via de consequência, a sua visão das coisas. Sabemos também que, ao longo da história, a fotografia foi sistematicamente adulterada por aqueles que temiam a própria força de seu testemunho ou que queriam se beneficiar desta força. Porém, essas adulterações sempre foram desmascaradas, mais cedo ou mais tarde, e nunca abalaram a credibilidade da foto em si. (GURAN, 1999, p. 106)

Fica impossível, portanto, conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais que servem

de ponto de referência nesta reconstrução que chamamos memória (HALBWACHS, 2006). Entretanto, como argumenta Myriam Sepúlveda dos Santos (2011), não há tanta facilidade em trabalhar a questão social já que a tarefa de associar a memória apenas a quadros sociais não é uma tarefa tão fácil, pois frente a tantas construções coletivas caberão sempre ao indivíduo, pelo menos, a escolha e seleção das memórias socializadas disponíveis. Evidentemente que muita coisa que nos acontece é esquecida e o que permanece são as estruturas que estão presentes na realidade percebida. A possibilidade de reproduzirmos objetos, lugares e eventos sociais associa-se à presença de estruturas.

Não haveria o sujeito que lembra separado do meio, mas a atividade social de recordar desenvolvida em determinado contexto. Por outro lado, a ideia de uma sucessão de unidades uniformes de duração que poderiam ser recordadas também teria sido substituída pelo tempo contíguo ao ato de recordar. (Myriam Sepúlveda dos Santos, op. cit., p. 72)

De acordo com Huyssen (2000), um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais, e observa que se a capacidade de rememorar é um dado antropológico, algumas culturas valorizam a memória mais do que outras. “O lugar da memória numa determinada cultura é definido por uma rede discursiva extremamente complexa, envolvendo fatores rituais e míticos, históricos, políticos e psicológicos” (HUYSSSEN, op.cit., p. 69).

É preciso atentar também que este trabalho nos direciona para a memória coletiva e o argumento é fortalecido já que se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior (HALBWACHS, op.cit.). É como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. Assim como demonstra Le Goff (2003), a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

A memória está presente nas construções do passado e, desde que estejamos inseridos no contexto, teremos condições de analisar o fato, não predominantemente como realmente aconteceu na íntegra.

O que recordamos não é exatamente igual ao que aconteceu, uma vez que, ao mesmo tempo em que construímos o passado, ele também nos constrói. Temos bastante segurança em afirmar que o passado aconteceu, mas não temos muita certeza de como ele aconteceu. Reconhecemos, portanto, que nossas memórias são incertas e confusas. Ainda assim, a memória nos dá uma noção de distância no tempo que não surge de imagens que construímos no passado (Myriam Sepúlveda dos Santos, op. cit., p. 101).

Destarte, em relação à memória, temos aqueles que confinam o conhecimento do passado a testemunhos parciais dos fatos, sejam eles objetivos ou subjetivos, e temos aqueles que rejeitam radicalmente qualquer assertiva de verdade referente ao passado e sublinham a impossibilidade da objetividade no que a ela tange.

Desenvolvimento



1. Foto do carnaval de São João da Barra de 1913 do desfile do bloco Lyra Democrata

Esta imagem foi postada no grupo de discussão das redes sociais – Facebook – denominado “Fórum do Carnaval de São João da Barra”. A criação³ do grupo virtual de discussão foi iniciativa minha e teve como objetivo estimular o diálogo e debate sobre alternativas para o resgate do carnaval de rua sanjoanense.

A Internet é simultaneamente real e virtual, informação e contexto de interação, espaço e tempo, mas que altera as próprias coordenadas espaço-temporais a que estamos habituados, compactando-as, ou seja, o espaço e o tempo na rede existem na medida em que são construções sociais partilhadas. Esta construção é estruturada pelos laços e valores sociopolíticos, estéticos e éticos que tipificam este novo espaço antropológico (SILVA, 2001: 151). Conforme Ribeiro (2001, p. 138) aponta, estamos vivenciando na atualidade uma grande revolução nas formas e nos meios de comunicação, onde a união entre os avanços tecnológicos da telecomunicação e da informática propiciam a criação de um novo componente: a rede telemática. Neste contexto de inovações e possibilidades tecnológicas, foi se delineando um novo ambiente de convivências, o ciberespaço.

A alternativa de criação de um grupo nas redes sociais para discutir carnaval neste espaço de cibercultura é pontuada em outros estudos com os seus diversos desdobramentos, conforme assinala PEREIRA DE SÁ (2005):

Ainda que o conflito, o dissenso e mesmo a efemeridade e volatilidade das participações apresentem-se como ameaças, o que testemunhei durante o período da observação foi o bem-sucedido esforço de um grupo para se manter conectado e assim, por meio da Internet, solidificar os laços de convívio e compartilhar uma visão de mundo sobre o carnaval carioca. Neste caso, portanto, não tenho dúvida de que a internet é potencializadora desta rede de afinidades, contribuindo decisivamente para a construção deste coletivo e justificando, assim, o interesse acadêmico em torno da temática do ressurgimento do ideal comunitário das redes digitais. (p.108)

Assim como em outras cidades do Brasil, em São João da Barra o carnaval de rua sofreu profundas transformações a partir da introdução de trios elétricos e do emprego de estratégias mercadológicas de venda de ingressos em forma de abada para permitir o acesso ao espaço que até pouco tempo era somente ocupado pelas escolas de samba e foliões. Num processo contínuo, iniciado “a partir dos anos 1980, as festas

³ O grupo “Fórum do Carnaval de São João da Barra” foi criado no dia 23 de fevereiro de 2012.

carnavalescas brasileiras seguiram a trilha aberta pela folia à baiana e passariam a buscar uma organização mais empresarial para valorizar seus eventos” (FERREIRA, op. cit., p. 392).

Hoje o “Fórum do Carnaval de São João da Barra” no Facebook conta com 1685 participantes, muitos dos quais disponibilizaram exemplares de seus acervos particulares de fotografias do carnaval. Com o advento das novas tecnologias criou-se a possibilidade de que a posse material das fotografias continuasse resguardada no seio das famílias, sendo facultada a sua disponibilização virtual a partir do recurso da digitalização. A iniciativa de membros do grupo virtual de discussão do carnaval de São João da Barra de postar no fórum suas fotografias antigas ofereceu à pesquisa novas possibilidades. Hoje temos acesso a cerca de três mil fotografias, de um acervo até então pulverizado e desconhecido enquanto conjunto, pois pertenciam às pessoas da cidade e eram guardadas como relíquias e herança de família.

Através da memória os participantes foram narrando proposições de conflitos e tensões. De acordo com os relatos, a fotografia aqui apresentada se refere à alegoria “Amphitrite em Triumfo” e representa em destaque o coronel Amando Alves e Manoel Berto, pessoas ricas e influentes na sociedade de São João da Barra, postados na comissão de frente sobre cavalos adornados o que demonstra aspectos de ostentação, poder e hierarquia.

O memorável carnaval de 1913 foi, por assim dizer, feito por ele, então presidente do Clube Democrata. Ele⁴ gostava tanto desse clube e do carnaval que, em 1930, muito doente, afirmava que se pusessem o Democrata a desfilar, ele se levantaria para vê-lo passar. Folião animado, saudava o carnaval pelas páginas de seus jornais e a única coisa capaz de aborrecê-lo era a água cheirosa (ou fedorenta) lançada de bisnagas, limões de cera e baldes, ensopando os passantes. (SÁ, 1995, p.50)

O carnaval naquela época, já se mostrava como uma festa a ser apreciada, pois grande parte muda a cara e afinal fica com a mesma, razão pela qual se costuma dizer de qualquer sujeito que com uma cara só desempenha diversos papéis no imenso teatro da vida: aquilo é um tipo carnavalesco (SÁ, 1995).

Fernando Lobato, ao narrar os eventos representados nesta imagem, nos dá conta de que o pessoal do bloco “Lyra Democrata”, nas vésperas do carnaval, descobriu

⁴ José Henriques da Silva, jornalista influente que dá nome à referida bibliografia. A citação busca contribuir com uma informação que até então não havia sido postado no Fórum do Carnaval. O presidente do Clube na época é pai do artista que confeccionou a alegoria, Coriolano Henriques.

o tecido com que o bloco dos “Operários” faria a farda de sua banda, mandou comprar o tecido e usou-o para fazer a cobertura dos cavalos, em sinal de rivalidade e humilhação ao grupo rival. Sobre a temática da alegoria, ele disse que representava o fundo do mar, com sereias em fuga, cada uma com uma concha na cabeça, tendo dentro uma menina, a guiza de pérolas. As nereidas fugiam de Pã e Amphitrite, a rainha do mar, vinha ao centro em uma carruagem de concha puxada por cavalos marinhos. Consta que a alegoria foi confeccionada pelo artista sanjoanense Coriolano Henriques que, na época, tinha apenas 20 anos de idade. Este foi o último ano de desfile da Lyra Democrata que se extinguiu por conta da Primeira Grande Guerra.

Márcio Paes, contribuindo com a memória do carnaval de São João da Barra, ao ser citado o nome do artista Coriolano Henriques, fez uma pequena biografia do seu avô, postada no espaço virtual. “Muito bom resgatar coisas do fundo do baú sobre vovô Cori, vou aproveitar e falar sobre ele: Filho do jornalista José Henriques da Silva e da Sr^a América Brasília M. e Silva, estudou na Escola Pública de São João da Barra até a 3^a série primária, mas, sendo um homem muito inteligente e esforçado, estudou como autodidata, chegando a ser coletor estadual. Era membro da União Brasileira de Trovadores (UBT) e da Academia Pedralva de Letras e Artes aonde ocupava a cadeira de Ulysses Martins. Publicou vários livros de poesia, dentre eles, Relógio da Vida. Destacava-se ainda como cenógrafo, ator, carnavalesco, pintor, caricaturista, alegorista, poeta, escritor, teatrólogo, etc”.

Fernando Lobato complementa lembrando que este carro alegórico muitos anos depois foi repetido no bloco O Chinês⁵, provavelmente em 1967/1968. Ele lembra que naquele ano choveu muito e os carros com eletricidade, na hora do desfile saiu um fogaréu no mar que deu o que falar, o que virou gozação do bloco rival, Congos. Observamos que num mesmo resquício de memória para falar da Lyra Democrata, no desfile de 1913, ultrapassamos décadas e chegamos à outra rivalidade carnavalesca em São João da Barra: entre congoleses e chineses.

Vale ressaltar que a fotografia representa a grandiosidade e luxo com que o carro “alegórico” ocupado por seis meninas, fora confeccionado no carnaval desta cidade do interior do Rio de Janeiro, dando mostras da importância da festa mesmo

⁵ Já vimos historicamente que o bloco O Chinês foi fundado em 1933 e Coriolano por ter sido carnavalesco lá trouxe de volta esta alegoria para enaltecer o carnaval de seu grupo.

longe da capital. Chama atenção na imagem também o fato dos transeuntes, compostos por homens negros trajando calça comprida e paletó, serem representados observando o desfile. Dá-se, assim, uma troca de trações culturais entre os setores dominador e subordinado, ambos se influenciando, mas a posição de superioridade está claramente definida, a priori, pelo próprio poderio econômico (SIMSON, 2007) e, novamente fazendo analogia à festa paulistana, os foliões que desfilavam nos carros enfeitados eram os das famílias mais abastadas e, por isso, vestiam fantasias mais luxuosas. Os jovens que não possuíam meios suficientes faziam o percurso a pé.

Mesmo sem termos fotografia da União dos Operários no grupo, há referência ao bloco nas falas de Dircélia Raposo: “O Operários se apresentou com um cavalo malhado de preto e branco (cores do Democrata), montado pelo senhor José Narciso vestido com as cores do “Operários”, tendo sido considerado vitorioso nesse carnaval. Esses fatos eram sempre contados pelos meus pais e de Ronaldo [marido dela]. Pena não haver fotos desse acontecimento. Estou contando isso para que a história não se perca no tempo”.

Outras pessoas tiveram estas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto pra elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas. (HALBWACHS, op.cit., p.31)

Ainda Halbwachs (op. cit.), explica que nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós.

Observamos, assim, que a arte fotográfica tem a capacidade de representar no presente um recorte do passado distante e, através desse registro podemos acessar elementos constituintes do carnaval, analisando o figurino de uma época, a alegoria, a arquitetura, e acessando por meio das recordações por elas estimuladas, as impressões e narrativas daqueles que de algum modo vivenciaram experiências a partir do carnaval local de São João da Barra, exemplar desta que é uma das manifestações culturais mais importantes para o brasileiro: a festa de carnaval.

Seguindo esta linha tênue entre vivência e memória, Bosi (1994) frisa que na lembrança das pessoas idosas é possível verificar uma história social bem desenvolvida já que atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, além de já terem vivenciado quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis. Para Bosi,

Sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. [...] a situação do velho, do homem que já viveu sua vida, ao lembrar do passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida (BOSI, op.cit., p.60)

Resultados alcançados

A análise do carnaval de São João da Barra aponta para uma articulação, de longas datas, entre poder político/econômico e a festa. Observou-se, ainda, uma linha tênue entre as relações hierárquicas e conflituosas. Aliás, o resultado mostra um processo cíclico de conflitos e legitimação. Para tal, a defesa da memória ou de memórias coletivas torna-se crucial em conflitos sociais e políticos contemporâneos, que são analisados como resultado da luta de diversos grupos sociais por maior autonomia e representação (Myriam Sepúlveda dos Santos, op.cit.).

O carnaval de rua sanjoanense reserva espaço para os foliões, sátiras e brincadeiras, mas atualmente está restrito devido à introdução de trios elétricos, música e abadas baianos o que está gerando discussões entre diferentes grupos. Justifica-se, portanto, este trabalho, que articula fotografia e memória, enquanto possibilidade de compreensão das transformações ocorridas durante este centenário em que o carnaval de São João da Barra é representado em imagem.

Os relatos apresentados pelos participantes do Fórum do Carnaval de São João da Barra relativos à fotografia em questão delineiam uma discussão sobre a memória das pessoas ligadas aos principais aspectos carnavalescos que foram surgindo, se mesclando e se transformando ao longo dos tempos, mantendo algumas características nas relações sociais e modificando outras exterioridades.

Cabe ressaltar que, enquanto observador participante do grupo virtual, pudemos fazer inferências que embasassem ainda mais este recorte do trabalho. Com o aprofundamento maior através das fotoentrevistas buscaremos, metodologicamente, formatar conclusões a respeito do carnaval de São João da Barra, sua influência sociocultural, político-econômica e os desafios do futuro.

Referências bibliográficas

AMARAL, Rita. Para uma antropologia da festa; questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania; (orgs). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 67-86.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança dos Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CEZAR, Lilian Sagio. **Revelando imagens da Congada: fotografia, memória e pesquisa etnográfica**. In: Resgate. Vol. XVIII, nº 19. Campinas: Unicamp, jan/jul 2010, p. 171-179.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, Felipe. **O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GURAN, Milton. **Linguagem Fotográfica e Informação**. 2 ed. Rio de Janeiro. Gama Filho, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

Jornal Parahybano. São João da Barra/RJ, 07 de fevereiro de 1868.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... [ET al.]. 5ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

PEREIRA DE SÁ, Simone. **O samba em rede – Comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

PINTO, João Oscar do Amaral. Apontamentos para a história de São João da Barra

RIBEIRO, José Carlos S. Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos. org **Janel@s do ciberespaço – comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001, p. 138-150.

SÁ, Carlos AA de. **Zériques – Um Jornalista Político na Província Fluminense**. Rio de Janeiro: Cultura Goitacá, 1995.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2011.

SILVA, Lídia Oliveira. A Internet – a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos. org **Janel@s do ciberespaço – comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001, p. 151-171.

SIMSON, Olga Maria de Moraes Von. **Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano: 1914-1988**. Campinas-SP, Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial de São Paulo, 2007.